

Desilusão afastará muitos da confortável vida de deputado

Rita Tavares e
Rosângela Bittar

BRASÍLIA — Amigo íntimo do presidente José Sarney e bem votado na eleição de 1986, o deputado federal Enoc Vieira (PFL-MA) abandona a carreira política logo que terminar o seu mandato, no início do ano que vem. "Vou sair pregando o Evangelho por aí", anuncia o deputado, que está no segundo ano do curso noturno de Teosofia, na Faculdade Teológica das Assembléias de Deus. Ele não conseguirá enfrentar a eleição de 1990 tendo como adversário o ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares, que levou o asfalto para a maioria dos municípios do Maranhão. Enoc precisaria de muito dinheiro para reconquistar as bases, mas não tem.

A desistência do deputado maranhense é uma entre as muitas despedidas que ocorrerão este ano no Congresso Nacional. Nem sempre por causa de dinheiro. Há os desiludidos, os nostálgicos, os arrependidos e os cansados da vida parlamentar. Com a desistência da reeleição, eles abandonam um salário que, em fevereiro deste ano, é de NCz\$ 246.123,00 (122 vezes superior ao salário mínimo), além de um apartamento funcional de quatro quartos, passagens aéreas, franquias telefônicas e telegráficas, gabinete e o prestígio de ser deputado federal.

Paquiderme — A lerdeza das decisões do Congresso Nacional horroriza tanto o deputado Denisar Arneiro (PMDB-RJ) a ponto de ele não querer voltar à Câmara dos Deputados no ano que vem. "No Congresso, todas as decisões dependem das comissões técnicas. Mas, dos 50 membros de cada comissão, só uns 10 aparecem. Eu tinha de mandar um funcionário ficar no corredor para chamar os deputados para as reuniões", desabafa o parlamentar, lamentando a falta de reponsabilidade da maioria dos seus colegas.

Seis meses após sua entrada na política, em 1982, Arneiro já estava desiludido com o ritmo "paquidêmico" de trabalho da Câmara dos Deputados. Por pressão de amigos, voltou a se candidatar em 1986, com a esperança de que a Constituinte fosse diferente. Nova frustração. "Uma andorinha só não faz verão", conclui o deputado. Antes de deixar definitivamente a política para conduzir sua empresa de transporte de cargas, uma das maiores do Rio de Janeiro, Arneiro aceitou, no final de janeiro, o convite do governador Moreira Franco para assumir a Secretaria de Transportes, passando sua vaga para um suplente.

"O máximo que o político consegue é adiar o seu fim. Eu resolvi abreviar o meu", sentencia o deputado Henrique Córdova (sem partido-SC), que desistiu de se recandidatar há mais de um ano. Certo de que só quem tiver muito dinheiro em caixa ou contar com o apoio de grupos econômicos terá condições de tentar uma cadeira no Congresso Nacional, Córdova resolveu abandonar a política e reativar seu escritório de advocacia, que foi fechado em 1980. "Afinal, eu gosto mesmo é de exercer a minha profissão", diz.

Desencanto — Seu cansaço parlamentar já era forte em 1986, mas acabou seduzido pela experiência da Constituinte. Hoje, contudo, Córdova anuncia que não terá saudades de seus 25 anos de política, que incluem até mesmo um mandato de governador de estado. "Quem está em atividade há muito tempo acaba marcado por vícios, que se acentuaram nesse último governo. O negócio político foi transformado em negócio comercial", analisa Córdova, convencido de que os mais velhos devem ceder lugar para os jovens.

Outro que está cansado da vida legislativa é o deputado Nyder Barbosa (ES). Depois de um mandato estadual e dois

Brasília — Fotos de Jamil Bittar



Henrique Córdova voltará à advocacia



Furtado Leite deixa um herdeiro

federais, ele quer ser vice-governador. Acabou de sair do PMDB e está conversando com o PFL, PDC, PRN, PL e PTB à procura de uma vaga para a eleição estadual deste ano. Em meio a esta indefinição, Nyder só tem uma certeza: "Sou um cidadão sexagenário e não volto para a Câmara".

Aos 33 anos, o deputado Gandi Jamil (MS), que trocou o PFL pelo PDT, é uma prova de que o cansaço da política não vem com a idade. Em 1986, ele foi eleito deputado federal pela primeira vez. Hoje, não quer voltar para a Câmara. Jamil está disposto a ocupar a cadeira de governador de estado e, se não conseguir, sai da política. Não se arrepende da experiência, no entanto, e aponta como saldo a "maravilhosa convivência" com os grandes políticos brasileiros durante a Constituinte. "Minha maior emoção foi ouvir a deputada Benedita da Silva discursando contra o **apartheid**".

O segundo mais velho dos atuais deputados da Câmara, Furtado Leite (PFL-CE), deixa a política este ano, fazendo do genro, o deputado estadual Antônio dos Santos, seu herdeiro. É o que tem mais nostalgia do antigo estilo de fazer política. "Sou um produto de urna, de representação autêntica do povo", define-se Leite, que começou sua carreira há 32 anos pela UDN e foi liderado de Carlos Lacerda. Orgulhoso de ter levado escolas e hospitais para seu estado, o deputado recrimina os políticos de hoje: "Ninguém tem mais tempo para perder com esse tipo de representação. Hoje, a política se exerce por uma elite dirigente de um sistema capitalista para aparecer bem na televisão".

Ele tem saudades até da vida social dos tempos do Palácio Tiradentes. "No Rio, tínhamos aquele ambiente da sociedade carioca. Se exigia **black tie** para tudo e éramos sócios do Iate Clube", suspira Leite, que não vê a hora de descansar nas praias de Fortaleza e em seu apartamento perto do Hotel Copacabana Palace, no Rio.